
Coleção Clássicos Universais

Os
Lusíadas

Luís de Camões
Adaptação de Paula Adriana Ribeiro

2ª Edição

 **EDITORA
RIDEEL**

Quatro naus cruzavam o Oceano Índico, buscando o caminho marítimo para a Índia, de onde trariam para Portugal especiarias como cravo, canela e pimenta, produtos que eram cobiçados em toda a Europa.

A frota portuguesa era composta pelas naus: São Gabriel, comandada por Vasco da Gama, que chefiava toda esquadra; São Rafael, sob o comando de Paulo da Gama, irmão de Vasco; Bérrio, cujo capitão era Nicolau Coelho; e São Miguel, que transportava os mantimentos e era comandada por Gonçalo Nunes.

Partem da Praia do Restelo, em Portugal, no dia 8 de julho de 1497, levando cento e setenta homens.

2



Nau: navio, embarcação.

Esquadra, frota: conjunto de navios de um mesmo país ou de uma mesma companhia.

No dia 22 de novembro alcançaram o mesmo feito de Bartolomeu Dias, dobrando o Cabo da Boa Esperança, no sul da África. Nessa altura, já se encontravam mares nunca antes navegados.



Enquanto isso, no Olimpo, os deuses reunidos discutiam o destino da gente portuguesa. Júpiter, senhor dos raios e pai dos deuses e dos homens, fala:

— A brava gente lusitana, que no momento rasga os mares com sua frota, terá um destino glorioso. Seus feitos serão mais importantes que os dos assírios, persas, gregos e romanos. É uma gente corajosa, que luta sem medo e conquistará todas as terras e mares do Norte e do Sul. Passam, no momento, por dificuldades de toda espécie, por isso ordeno que os povos africanos os recebam como amigos e os reabasteçam, para que alcancem seu objetivo.

4

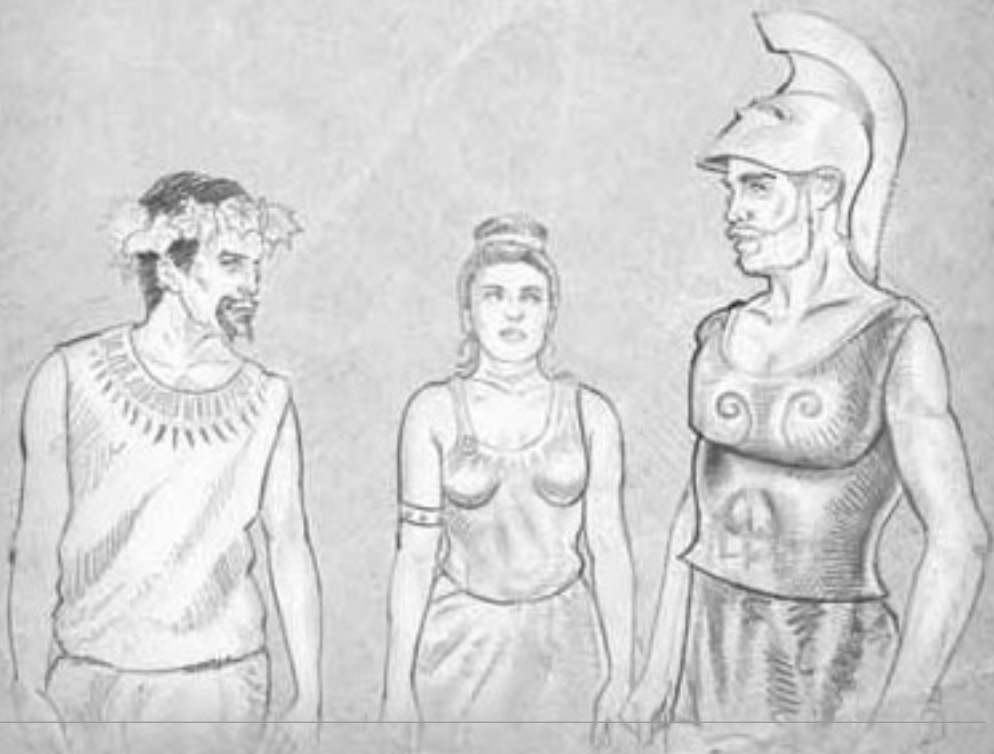
Depois do pronunciamento de Júpiter, os deuses discutem entre si, pois têm opiniões diferentes. Baco, deus do vinho, é quem mais discorda de Júpiter, pois sabe que perderá todas as glórias conquistadas e celebradas na Índia.

Baco é contestado pela deusa da beleza e do amor, Vênus, que gosta muito do povo de Portugal porque vê nele muitas semelhanças com o povo romano, que tanto ama. Ela sabe que se os portugueses alcançarem a glória que o destino lhes reserva, também ela, Vênus, será glorificada em toda parte.

Olimpo: morada dos deuses.



5



Baco e Vênus discutem e tentam fazer os outros deuses apoiá-los. Marte, o deus da guerra, defende a opinião de Vênus, talvez por ser apaixonado por ela:

— Júpiter, meu pai, já determinou que o destino dos portugueses seja cumprido. Portanto não devemos contrariá-lo. Baco, se não fosse tão receoso, estaria obedecendo à vontade do pai. Esqueçamos sua teimosia, provocada pela inveja, e façamos o que deseja Júpiter.

Todos aceitam as palavras do bravo Marte e, depois de abençoados, partem para suas casas. Baco, porém, não se conforma.

6

Enquanto isso, os portugueses chegam a Moçambique e percebem novas ilhas que parecem desabitadas, o que faz com que Vasco da Gama não se interesse em desembarcar. Quando já estão se afastando da costa, avistam um grupo de pequenos barcos velozes e compridos. Os tripulantes são negros e estão nus da cintura para cima, tocam trombetas e acenam aos portugueses. As naus ancoram e aquela gente estranha embarca, sendo muito bem recebida por Vasco da Gama.

Receoso: quem tem receio, medo.



O capitão explica aos visitantes quem são, de onde partiram e o que buscam. Faz também algumas perguntas sobre aquela terra e sobre seus habitantes, e ouve a resposta de um deles:

— Somos estrangeiros nesta terra e temos a fé verdadeira, a de Maomé. Vocês podem contar com a nossa ajuda: indicaremos um piloto para os guiar até a Índia e lhes daremos mantimentos para que possam prosseguir viagem. Amanhã nosso governante lhes visitará.

Após essas palavras, os mouros partem deixando aos portugueses a certeza de que a Índia estava cada vez mais próxima.

8

No dia seguinte, o governante mouro embarca na nau portuguesa e é muito bem recebido por Vasco da Gama e sua tripulação. Tudo corria bem até o mouro perguntar a que religião pertenciam, ouvindo a seguinte resposta do capitão português:

— Somos da Europa e pertencemos à religião daquele que morreu para salvar toda a humanidade. Sou cristão, sim, e quero tê-lo como amigo, e não como inimigo.

Apesar do ódio que endurecia o coração do mouro, ele reafirma a promessa de ajudar os lusitanos e diz que no dia seguinte mandaria um piloto para os guiar até a Índia.

Mouros: povos que habitavam a Mauritânia, na África.

Religião de Maomé: religião muçulmana, que prega a existência de um Deus único e baseia-se no Alcorão, seu livro sagrado.



Baco, percebendo o rancor do governante mouro, quer se aproveitar da situação para impedir as conquistas portuguesas. Vai à terra disfarçado de um velho sábio muçulmano, dizendo:

— Esses cristãos espalham a desgraça por onde passam; já derramaram muito sangue muçulmano, e por isso é preciso acabar com eles. Assim que desembarcarem para buscar água, que logo acabará nas naus, ataquem-nos. Caso algo dê errado, mostrem-se arrependidos, pois assim poderão preparar outra cilada para eles.

Logo ao amanhecer, Vasco da Gama e seus homens desembarcam para buscar água. Quando se aproximam da praia, são recebidos traiçoeiramen-

IO

te pelos mouros, que gritam e sacodem as armas. Aparentemente eram poucos, porém havia muitos outros escondidos esperando o momento de atacar. O combate é cruel, os portugueses se sobressaem destruindo e castigando duramente os inimigos, saindo vitoriosos desse inesperado obstáculo.

Mas antes que partissem, o governante mouro fica furioso e resolve pôr em prática o segundo plano, aquele de se mostrar arrependido e, agora sim, indica um piloto para orientá-los em sua busca. Este piloto, na verdade, estava encarregado de levá-los a uma nova cilada.

Muçulmano: adepto da religião de Maomé.



No caminho, o falso guia aponta a Vasco da Gama uma ilha que, segundo ele, seria habitada por cristãos. Mas isso não era verdade, pois a ilha pertencia ao povo de Maomé.

A deusa Vênus então resolve ajudar os portugueses e faz soprar um vento que afasta a embarcação do caminho dessa ilha.

O piloto não desiste de seu objetivo e indica outra ilha que, dessa vez, diz pertencer harmoniosamente a cristãos e mouros, o que era mentira, pois só mouros habitavam aquele lugar. Por precaução, Vasco da Gama resolve ancorar as Naus.





O rei daquela terra, que já sabia o que ocorreria e quem eram aqueles que se aproximavam, pois Baco já o havia prevenido, manda alguns homens recebê-los cordialmente. Vasco da Gama agradece e diz que ao amanhecer desembarcará, mas antes pergunta:

— Aqui existem cristãos?

— Sim! Esta é uma terra de cristãos — afirma o esperto mensageiro.

Vasco da Gama, desconfiado, ordena a dois de seus homens que desembarquem e se certifiquem de que aquela era realmente uma gente amiga.

Os homens de Vasco da Gama desembarcam. Baco prepara tudo para que os portugueses não desconfiem de nada: simula um ritual cristão que os convence de que não há nenhum perigo ali.

No dia seguinte, os mouros, acompanhados dos dois portugueses, aproximam-se da esquadra para ajudar no desembarque da tripulação; porém, mais uma vez Vênus interferiria. A deusa ergue ondas grandiosas que formam uma parede de água, fechando o caminho para a barra da ilha. As caravelas recuam e ocorre uma grande confusão entre os marinheiros, o que assusta os mouros. Sem entender o motivo dos gritos e acreditando que a traição planejada havia sido descoberta, fogem. O

14

piloto traiçoeiro também se joga ao mar e foge a nado.

Vendo a atitude estranha dos mouros e do piloto, Vasco da Gama percebe o que os aguardava em terra e agradece o milagre:

— Ó guarda divina! Já que nos salvou de mais uma traição, mostre-nos agora algum lugar seguro, ou leve-nos à terra que buscamos!

simula: finge, aparenta.



As palavras de Vasco da Gama chegam até Vênus, que pede a Júpiter que ajude os portugueses. Júpiter promete à filha que seus protegidos irão encontrar um porto seguro para se reabastecer e seguir viagem.

Vasco da Gama prossegue navegando e, depois de três dias de calmaria, chega a uma terra chamada Melinde, governada por um rei sincero e justo. É domingo de Páscoa e a ilha está em festa. O rei manda dizer ao capitão que desembarquem logo, para aproveitar a festa. Além do convite, manda também muita carne e frutas.

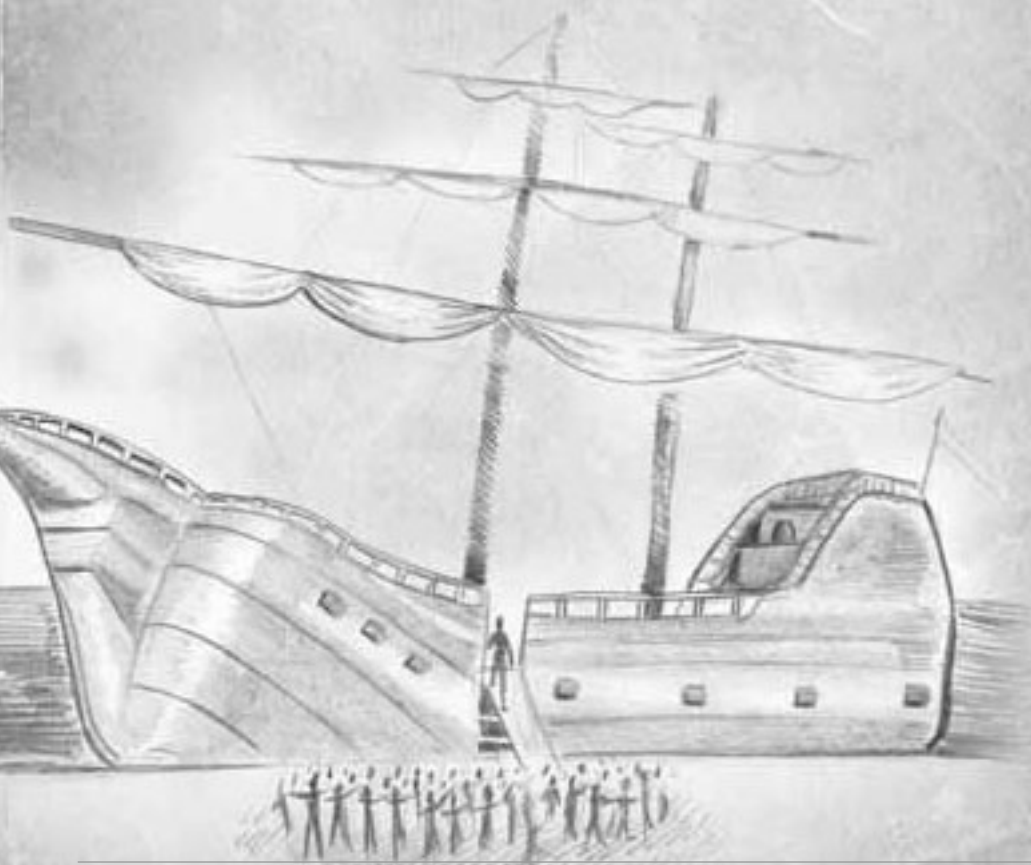
O capitão envia de volta um mensageiro para agradecer ao rei o convite e os presentes, além de



contar-lhe tudo que ocorreu nas outras ilhas, informando que não desembarcariam pois obedeciam a ordens estritas do rei de Portugal, que não queria o abandono das caravelas antes que estas chegassem ao seu destino. O rei compreende e anuncia a sua visita à esquadra no dia seguinte bem cedo.

Depois de uma noite alegre, o rei vem ao encontro de Vasco da Gama e o cumprimenta:

— Conte-nos, grande capitão, sobre sua terra, seus antepassados e sua viagem em busca do caminho marítimo para a Índia.



Vasco da Gama atende ao pedido do rei e começa a narrativa. Conta a origem de Portugal, fala de todos os seus e de suas virtudes e fraquezas, até chegar ao episódio de Inês de Castro, que narra detalhadamente.

— Inês era uma bela jovem apaixonada pelo príncipe D. Pedro, que também a amava loucamente. D. Pedro se casara com uma princesa espanhola obrigado pelos interesses de seu reino, mas mantivera seu verdadeiro amor, do qual lhe nasceram alguns filhos, o que deixava descontente seu pai, D. Afonso, e o povo. D. Afonso então resolve acabar de uma vez com esse amor: ele achava que só derramando sangue conseguiria afastar seu filho da bela Inês. Chama Inês e os filhos e decreta a morte

18

de todos. A mulher, desesperada, pede que tenha clemência com seus filhos, que de nada tinham culpa, e apela para o senso de justiça do rei. Ela quase consegue, pois o rei se sensibiliza diante de suas palavras, porém a intolerância do povo é mais forte e Inês é morta. D. Pedro se vingaria anos mais tarde. Ao subir ao trono, manda arrancar o coração dos assassinos de sua amada e declara ao povo que, mesmo morta, Inês seria a sua rainha.

Vasco da Gama prossegue a narrativa, falando dos reis que governaram a sua pátria até D. Manuel, então governante de Portugal.

Clemência: perdão.

D. Pedro: oitavo rei de Portugal, que governou, no final do século XIV.



Dom Manuel, após um sonho muito estranho com o qual ficou impressionado, reúne seus conselheiros e, depois de contar-lhes o sonho, diz que era chegada a hora de conhecer o caminho da Índia. Escolhe Vasco da Gama para chefiar essa missão tão grande quanto sua coragem. Sem demora, também são selecionados os homens que partiriam em busca da glória ou da morte.

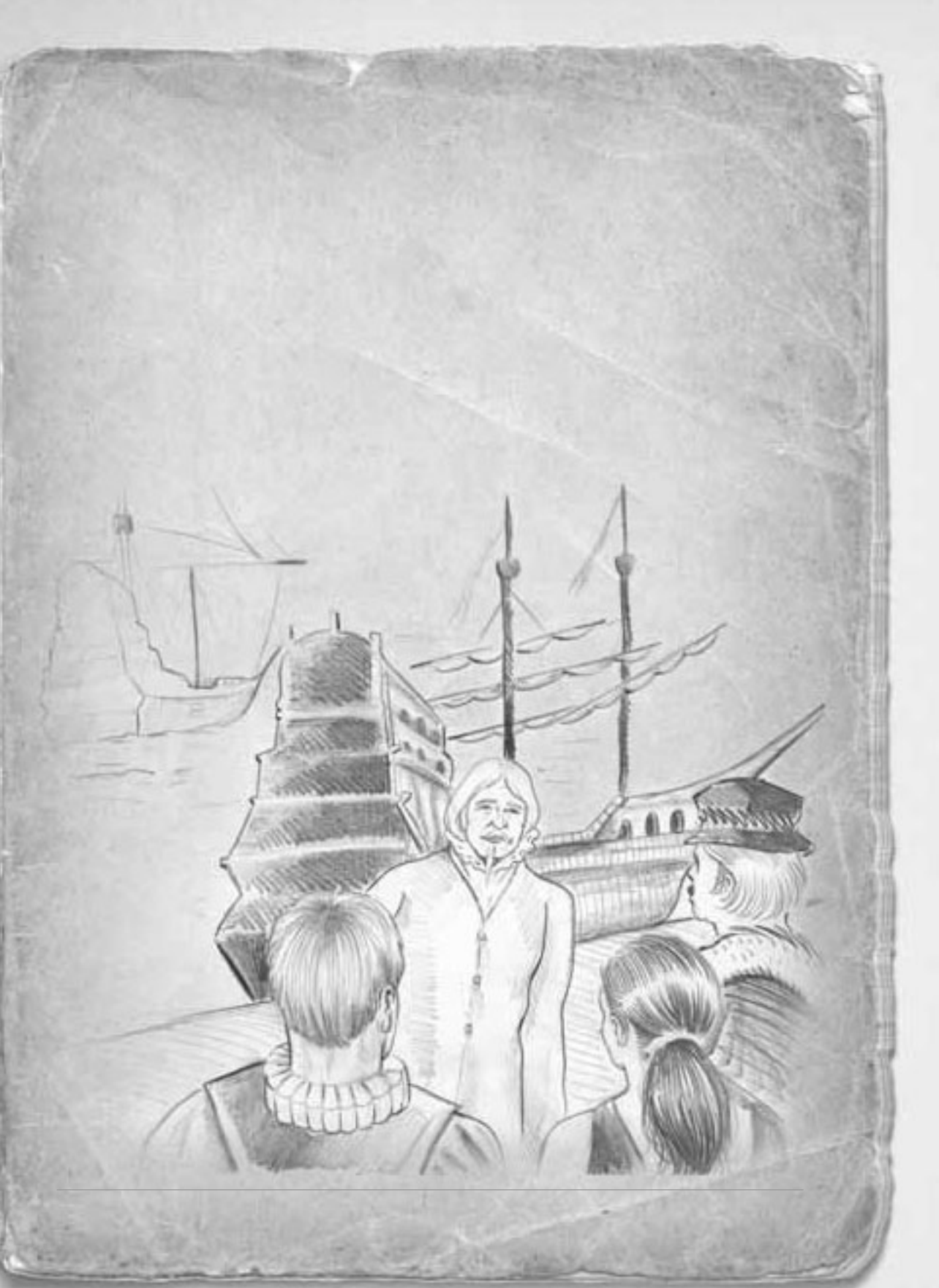
A esquadra parte da Praia do Restelo, em Lisboa. Muita gente comparece lá para se despedir de parentes e amigos, ou para simplesmente assistir à partida das naus. Havia muito choro, muita emoção. De repente, um velho que estava no meio da multidão começa a falar:

20

— Ó vaidade humana! Que mortes, que dores, que perigos te aguardam! A que desgraças levarás esta nação consumida pela ambição?

O velho continuou:

— Vocês, homens valentes, por que querem sempre mais? Já não basta o que possuem? Procuram o perigo para terem fama. Maldito seja o primeiro homem do mundo que construiu o primeiro barco e fez nascer a ambição desmedida de sempre conquistar mais e mais.



O capitão português, continuando seu relato conta para o rei de Melinde uma grande surpresa que tiveram enquanto navegavam:

— Navegávamos tranquilos quando, de repente, surge em nossa frente uma figura forte, com o rosto zangado, cor de terra. Tinha uma barba enorme, olhos fundos e cabelos despenteados e cheios de terra, a boca negra e os dentes amarelos. Era um gigante, e nos ameaçou:

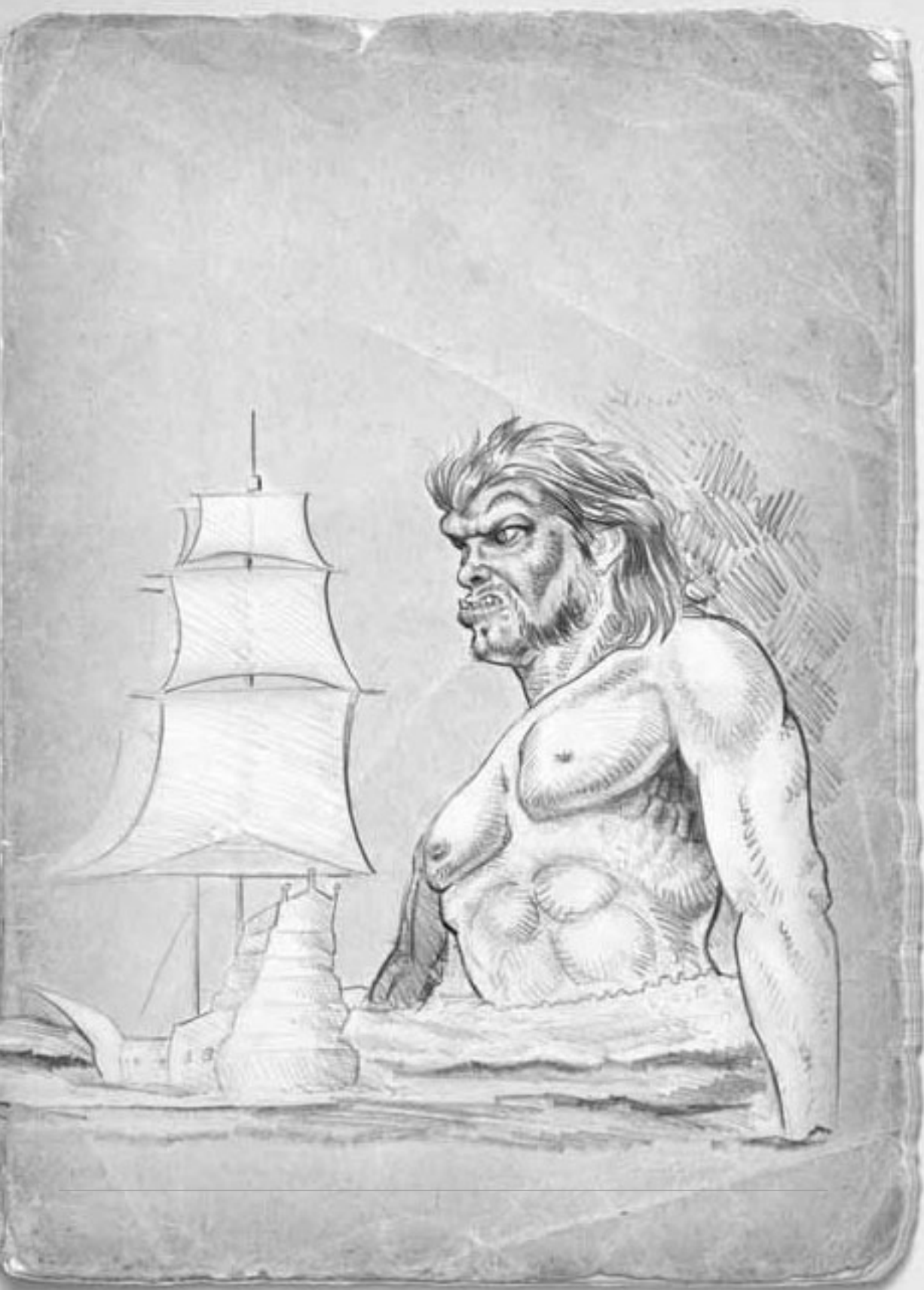
— Como se atrevem a fazer esta viagem? Eis os castigos que os esperam por tentarem tal façanha: enfrentarão fortes ventos e longas tormentas por todo o mar afora.

Vasco da Gama continuava:

22

— Aquele gigante horroroso era o Cabo das Tormentas, chamado Adamastor, que havia sido enganado por amor à ninfa Tétis. Ela havia prometido se entregar a ele, caso o oceano, lugar onde morava, fosse preservado da guerra que ocorria entre os titãs e os deuses. Desistindo da luta, Adamastor foi encontrá-la, mas, ao beijá-la, percebeu que não era Tétis que ali estava, mas sim um monte selvagem. Ele se escondeu da vergonha, seus irmãos titãs foram derrotados e seu corpo transformado em rocha.

*Titãs: gigantes, que segundo a mitologia, pretendiam destronar Júpiter.
Ninfas: divindades dos rios, mares e bosques.*



Vasco da Gama acaba sua história e o rei começa as homenagens aos bravos portugueses. Mas lhes é necessário prosseguir viagem, e o rei oferece um piloto para os guiar até a Índia.

Enquanto isso, Baco, inconformado com a sorte do povo luso, pede ajuda a Netuno, deus do mar. Ele consegue provocar a ira do deus, insultando-o contra a ousadia dos portugueses em desafiar e atravessar seus domínios, e este ordena a Éolo, deus dos ares, que liberte furiosos ventos, que são deuses sob sua direção, contra a frota portuguesa.

O vendaval noturno é terrível; a tripulação, apavorada, tenta conter as caravelas desgovernadas, mas

24

não consegue. De repente, Vênus surge e, com sua beleza, consegue acalmar a fúria dos deuses-vento. Ela promete favorecê-los com o amor de suas ninfas, caso eles, os ventos, tornem-se favoráveis à viagem dos portugueses. E a calma retorna ao mar.



Ao amanhecer, o piloto anuncia:
— Chegamos à Índia!

Vasco da Gama agradece a Deus e manda um mensageiro comunicar o rei da chegada de sua frota. O mensageiro é João Martins; ele encontra um mouro chamado Monçaide, que fala castelhano e o informa de que o rei, ali conhecido como samorim, não se encontrava no reino no momento, mas logo retornaria. Monçaide convida João Martins para se hospedar em sua casa, e este aceita. No caminho, o mensageiro luso ouve as histórias do lugar.

O samorim volta assim que fica sabendo da chegada dos portugueses e convida o capitão para

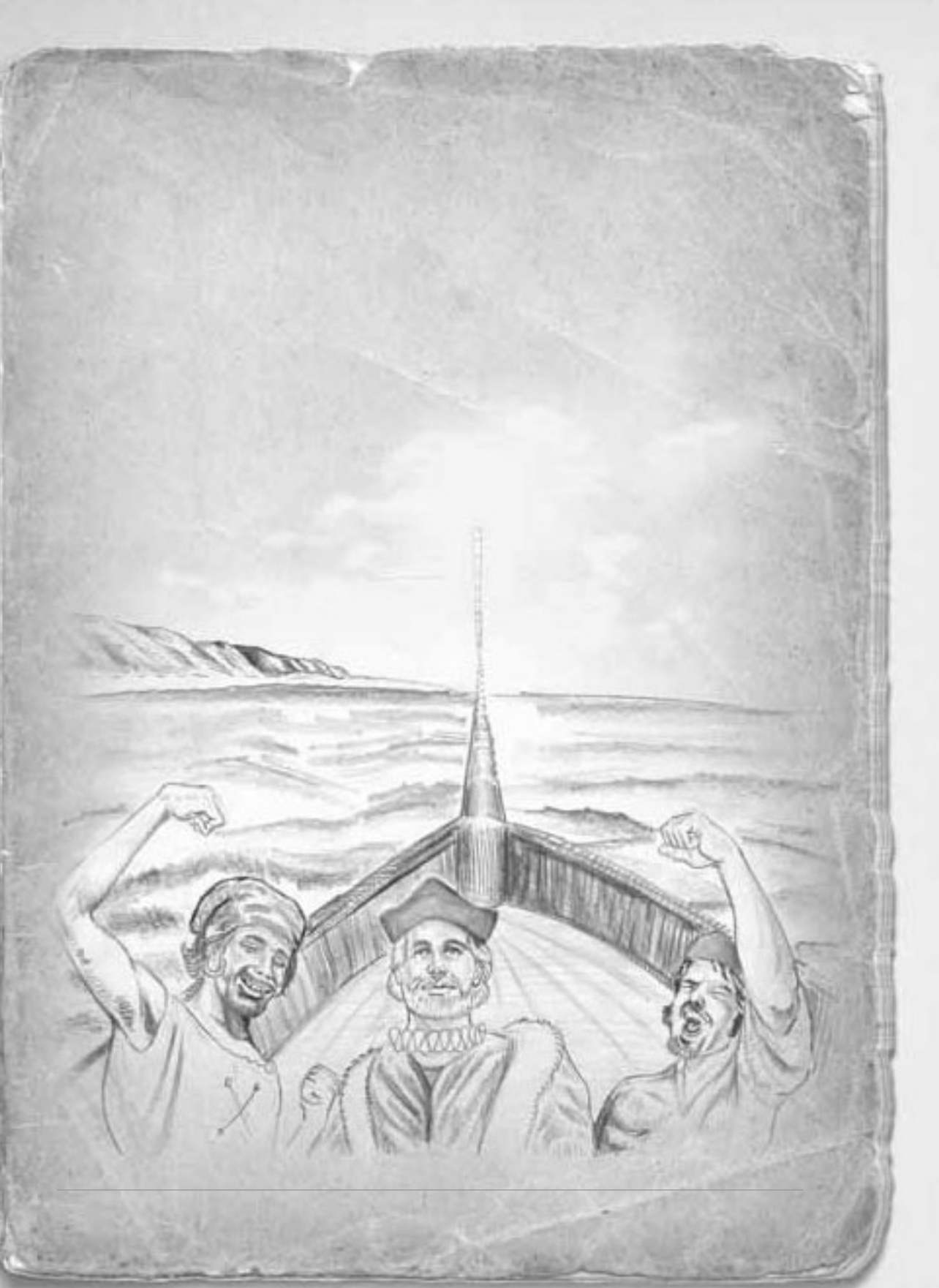
26

uma visita. Vasco da Gama desembarca imediatamente e segue para o palácio guiado por um ministro, o Catual. Chegando ao palácio, ele cumprimenta o rei, dizendo:

— Venho de um lugar muito distante, cujo rei, D. Manuel, deseja estabelecer com Vossa Majestade uma relação de amizade e comércio que muita satisfação trará para ambas as nações.

O samorim se diz muito honrado com a proposta, mas precisaria de um tempo para conversar com seus conselheiros. Vasco da Gama e seus comandados ficam hospedados na casa de um ministro que fora especialmente incumbido pelo rei de se informar mais sobre os estrangeiros.

Catual: autoridade civil e religiosa da Índia daquela época.



O rei também consulta um adivinho, que prevê a escravidão de seu povo e a destruição de suas riquezas caso os portugueses invadam o reino. Enquanto isso, Baco aparece em sonho para um respeitado sacerdote muçulmano, dizendo-lhe:

— Cuidado com o mal que vem do mar!

O sacerdote acorda assustado e convoca uma reunião com outros muçulmanos, na qual planejam impedir o sucesso da missão portuguesa. Resolvem subornar os ministros com joias valiosas.

Influenciado pelos ministros subornados e assustado com as previsões, o rei hesita em dar uma resposta a Vasco da Gama. Resolve, então,

28

conversar com o capitão da esquadra lusa. Vasco da Gama consegue convencer o samorim das boas intenções de D. Manuel e faz com que a resposta à sua proposta seja positiva.

Ao voltar para o porto, no entanto, Vasco da Gama é impedido de embarcar pelo Catual — ele quer que a esquadra portuguesa se aproxime da costa para ser presa fácil de um navio mouro que está para chegar e tem grande poder bélico. Ele convence Vasco da Gama dizendo que a troca de mercadorias será muito mais simples e rápida com a esquadra portuguesa no porto.

Bélico: relativo à guerra.



Mas Monçaide revelaria ao comandante português o plano dos mouros. Vasco da Gama então ordena a volta imediata dos homens que ainda estão em terra, mas os mouros não os deixam ir. Como resposta, Vasco da Gama prende em seu navio dois importantes mercadores que lá se encontravam. As famílias desses mercadores pedem ao samorim que interceda e ele ordena a troca de reféns.

A esquadra portuguesa finalmente parte, levando algumas especiarias, como pimenta, cravo e canela, além da digna companhia de Monçaide, que se convertera ao cristianismo.





Vênus, que assistira a tudo, resolve presentear os marujos portugueses com o amor das mais belas ninfas. Para isso chama seu filho, Cupido, deus do amor, para fazê-las apaixonarem-se por eles. Cupido atende imediatamente o pedido de sua mãe, e reserva para Vasco da Gama a mais bela de todas, Tétis.

As ninfas aguardam seus amados na Ilha dos Amores. Os portugueses logo chegam e se encantam com seres tão belos. Vasco da Gama entrega-se ao amor de Tétis.

Mais tarde, Tétis convida todos para um banquete em sua morada. Terminado o jantar, a ninfa pede a Vasco da Gama que a acompanhe, junto com os outros, em um passeio pelo bosque até um lugar coberto de esmeraldas e rubis. Ali, ela lhes apresenta um globo muito brilhante:

— Esta é a máquina do mundo, nela podemos ver o destino de todo o universo.

Tétis descreve todas as conquistas que os portugueses já tinham realizado. Fala também das futuras

32

conquistas, como a descoberta de uma terra que chamariam de Santa Cruz. Depois que termina, diz:

— Agora podem partir, pois o tempo está favorável e seu rei os aguarda ansioso.

Os portugueses se despedem da Ilha de Vênus e das ninfas que jamais esquecerão. Com o vento manso, chegam à terra natal, onde são recebidos como heróis.

Terra de Santa Cruz: primeiro nome dado ao Brasil pelos portugueses.